



A ARTE DE EXPERIMENTAR O CORPO NO TEATRO

Caroline Soares de Lima¹
Dulce Mari da Silva Voss²

Resumo

Esse texto tem como objetivo provocar uma reflexão em torno das possíveis articulações entre teatro e ensino em relação à produção de corpos singulares. Busca problematizar sobre a ênfase dada à cognição como uma prática substancial no campo educacional que inibe a criação, impedindo a liberdade de expressão e experimentação da corporeidade. Transgredindo essa lógica, sob a perspectiva da Filosofia da Diferença, aponta-se a performance teatral como uma prática que potencializa a liberdade de criação, o compartilhamento de experiências e processos de subjetivação que evidenciam relações de alteridade no encontro entre diferentes sujeitos.

Palavras-chave: Teatro. Ensino. Corpo.

Arte-educação: aprender com o teatro

Percebo que a escola tem projetado suas ações de ensino voltadas para um modelo de sociedade produtivista. Nela não há lugar para o teatro ou quando há esse se limita a atividades técnicas de encenação e imitação de um real que está posto.


Nesse sentido, a educação escolar prioriza a cognição para o desenvolvimento da inteligência e age de maneira a exercer o controle dos corpos, por meio da disciplina. Como nos diz Bergson (*apud* Zacharias, 2017), a inteligência prescinde numa automatização de comportamentos, um tipo de controle sobre a nossa existência, como um modo de preservação da vida humana. Tentamos nos antecipar aos acontecimentos e saber como agir diante deles. Com isso, a inteligência quebra a zona de conforto do sensório-motor (sentidos-movimentos) e nos permite reagir frente aos perigos do mundo, evitando a dor, a angústia, a medo, a dúvida, a morte.

A inteligência enfraquece os vínculos humanos com a vida e afasta os seres humanos da criação, entendida como algo raro, manifestada pela emoção e inserida no plano dos afectos, ou seja, a emoção não é algo provocado por objetos, (exemplos: filme, música,

¹ Especialista em Educação e Diversidade Cultural, discente do Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, carol.unipampa@hotmail.com

² Doutora em Educação, docente do Programa de Mestrado Acadêmico em Ensino da Universidade Federal do Pampa, dulce.voss@unipampa.edu.br





poema, uma peça teatral), não é ação que suscita uma reação, não é motivada por sentimentos de alegria ou tristeza, mas é uma emoção criadora que gera o novo (Devir): “Criação é aquilo que movimentava a vida, que a coloca em um fluxo constante e a tira de seu estado estático”; “É uma força que impele o ser a movimentar-se” (ZACHARIAS, 2017, p. 31).

Embasada na Filosofia da Diferença, acredito que as artes teatrais são ações pedagógicas fundamentais nas escolas, pois possibilitam a liberdade de criação e de compartilhamento de experiências que permitem processos de subjetivação e relações de alteridade no encontro entre diferentes sujeitos:

A educação é necessariamente um empreendimento coletivo. Para educar – é necessário que haja ao menos duas singularidades em contato. Educação é encontro de singularidades. Se quisermos falar espinosamente, há bons encontros, que aumentam minha potência de pensar e agir – o que o filósofo chama de alegria – e há os maus encontros, que diminuem minha potência de pensar e agir – o que ele chama de tristeza. A educação pode promover encontros, alegres e encontros tristes, mas sempre encontros (GALLO, 2008).

Portanto, neste trabalho pretendo destacar que as artes, principalmente o teatro, potencializam as práticas de ensino à medida que acionam as condições subjetivas para a criação entendida como um processo de produção de singularidades.


No contexto em que vivemos torna-se cada vez mais necessário repensar e recriar práticas pedagógicas que permitam “[...] a inevitabilidade de contaminação entre ensino e criação [...]” (SILVA, 2016, p. 01).

Como nos mostra Augusto Boal em “Hamlet e o filho do padeiro: memórias imaginadas”, o artista é capaz de imaginar e criar algo que não repete o existente transpõe sua existência.

Você pega uma pedra grande. Pensa alguém: veja essa pessoa na imaginação, inteira. Olhos fechados, do jeito que só você vê! Escultura não é retrato – quem faz retrato é a câmera. Você é artista. Imagina, pega o martelo, o cinzel, e tira da pedra tudo que não seja essa pessoa! Joga fora o resto e só deixa na pedra esse alguém! É fácil ser artista: basta ser louco! É fácil ser louco: basta ser artista. (BOAL, 2014).

As artes possibilitam a produção de subjetividades sensíveis e a expressão de linguagens verbais e não-verbais, ao entender e olhar o mundo além do que aparenta, não só ver, mas olhar atentamente, prestar atenção, sentir e usufruir do que olhamos. É nesse sentido que a arte tem uma relação direta com a educação, pois, é preciso desenvolver esse olhar nas práticas que nós educadoras e educadores propomos aos estudantes. A constituição de uma visão de mundo e do lugar que cada um de nós ocupa nele pode ser desenvolvida por meio da arte-educação.





O teatro produz subjetividades sensíveis. Já o ensino não pode ser focado somente na cognição e decodificação, é preciso criar visões de mundo, vivenciar diferentes formas de expressividade e corporeidade.

Olga Reverbel (*apud* SANTOS; BARROS, 2010) aponta o teatro como uma atividade de expressão que pode potencializar o desenvolvimento dos estudantes à medida que favorece: o autoconhecimento e o conhecimento do outro, a espontaneidade, a observação, a percepção e a imaginação:

A imaginação é a arte de formar imagens e está diretamente ligada à observação, à percepção e a memória. A imaginação é o produto de uma ação do pensamento, que pode ser representado através das linguagens corporal, verbal, gestual, gráfica, musical e plástica.” “A percepção está diretamente relacionada com o desenvolvimento dos nossos sentidos, o que exige que o indivíduo participe por inteiro desse processo (SANTOS; BARROS, 2010, p. 06).

Nesse sentido, entendo que ao trabalhar o ensino em conexão com o teatro é possível provocar os estudantes a refletirem e vivenciarem situações que induzam a compreender os modos como são constituídas subjetividades e diferenças nesses processos do cotidiano. Articulando o ensino e as artes é possível desafiar os estudantes a criar um olhar estético que possibilite aprender por meio das sensações, emoções e relações consigo e com os outros.


A ideia é que através da vivência dessa situação o estudante seja capaz de reconhecer, em seu próprio percurso subjetivo, determinados atributos teóricos, poéticos e/ou conceituais da proposição estética de determinado criador ou pesquisador e, assim, constituir uma história de seu aprendizado a partir da experiência vivenciada (SILVA, 2016, p. 02).

Assim, a principal forma de fomentar o aprendizado é a criação e não a representação. Utilizar-se da arte-educação para ampliar a reflexão, o debate, a liberdade de pensamento, a sensibilidade e a expressão dos alunos nos seus modos de perceber e viver os contextos em que estão inseridos.

A performance teatral e produção de corpos singulares

Segundo Baltazar (2010), na contemporaneidade as artes sofrem alterações, o teatro não tem como principal razão as encenações teatrais, há um olhar, uma implicação maior em manifestações, processos e performances. Por essa transformação o teatro se conecta com as outras artes como a dança, a música, o cinema, o vídeo, a performance, entre tantas que possam surgir. A arte teatral se vincula a uma singularidade cênica, onde há presença do corpo humano voltado para a percepção estética. Nessa perspectiva a autora pensa a dramaturgia: “[...] como atualizações de sentidos (ou encontro de durações) e dessa forma abarcar tanto o processo criativo (do performer e em grupo) durante o processo de criação de





um espetáculo, quanto o encontro, ou o acontecimento, durante as apresentações” (IBIDEM, 2010).

Quando a autora fala em atualizações de sentidos, se baseia em Deleuze que diferencia o real do virtual, explicando que o virtual tende a atualizar-se e não necessariamente realizar-se. Enquanto o real se torna o possível que ele realiza, para atualizar-se, o virtual cria suas próprias linhas de atualização. É assim que o teatro contemporâneo não busca encenar uma realidade existente, mas torna-se uma virtualidade que possibilita aos atores e expectadores vivenciar diferentes experiências, sem que essas tenham significação *a priori*.

Ao contrário do teatro do séc. XX que tinha como característica a imitação, a representação de um “real existente”, dando a cena um sentido direcionado, a dramaturgia contemporânea prioriza o acontecimento e não o sentido, já que é um exercício em que se busca captar e fazer circular diferentes sentidos. Essa ideia do que não está posto, da criação, eleva as artes para além do real.


O sentido é efeito, é produzido por esse paradoxo com o não-senso, sem a tensão com o não-senso o sentido não existe. O sentido é efeito de superfície e é inseparável dela como a sua dimensão própria. É “efeito óptico”, “efeito sonoro”, “efeito de posição”, efeito de linguagem. E, as razões que produzem um sentido e uma significação são diferentes (BALTAZAR, 2010).

No meu entendimento os sentidos não são fechados, eles podem ser criados na própria ação de experimentação que conecta espírito e corpo. Para Bergson (*apud* BALTAZAR, 2010, p. 33 -34) “o corpo é uma atualização do espírito na matéria”. Não há separação entre matéria e espírito, o corpo une a matéria (condições físicas, mentais, biológicas dos seres vivos) e o espírito (as sensações, percepções, emoções que o formam). A matéria não é puramente física e biológica e nem o espírito é transcendental, não está ligado à religião, mas é uma articulação dessas diferentes capacidades que dão vida ao corpo.

O novo teatro é uma abertura para criação de sentidos, que mergulha nas infinitas possibilidades de ser, existir e estar no mundo, devir intenso (DELEUZE, 2012). Quando penso no teatro como prática que potencializa a criação e não como imitação ou representação, entendo que a pedagogia da performance torna-se uma possibilidade para religar o sensível e o inteligível na educação e no ensino. A performance cria relações do indivíduo com o próprio corpo, a experiência, o conhecimento e com o outro.

Como sendo prática estético-poética, a performance consiste virtualmente em um “ato teatral [ou poderíamos dizer, teatralizado], em que se integram todos os elementos visuais, auditivos e táteis que constituem a presença de um corpo e as circunstâncias nas quais ele existe” (ZUMTHOR, 2005, p. 69). A performance amplia pela sensibilidade o que é comunicado, multiplicando ad infinitum o sentido (significado) do sentido (sensível); é uma forma-processo e uma forma-força de atualização de sentidos. É antes marcada pela dúvida que pela certeza; pelo estranhamento que pela identificação; pelo excesso que pela redução. Isso porque,





como já observava Zumthor (2005, p. 55), a performance materializa, concretiza algo, torna tangível. (PEREIRA; ICLE; LULKIN, 2012, p. 336).

Quanto mais a educação se focar na dimensão do entender e do produzir significados, mais a divisão corpo e mente se intensifica. Ver o significado em tudo, interpretar, decodificar ou traduzir, reduz a teatralidade a um sentido das coisas, o sensível é esquecido. Nisso reside a necessidade de experimentar o ato pedagógico com o teatro como modo de vivenciar a corporeidade, o contato, o encontro, a comunicação. “Tratar-se-ia de um movimento, de uma pulsão, de uma moção diante da experiência do corpo em contato com outros corpos” (PEREIRA; ICLE; LULKIN, 2012, p. 337).

A materialidade do corpo do ator (no caso do ensino, docentes e discentes) não é mais encarnação de um personagem, e sim material e concreto de dinamização da sua própria forma. O corpo do ator como criador de imagens se diferencia do corpo como signo que possa ser decifrado, traduzido, interpretado como representação.

Mais do que simplesmente representar uma determinada realidade, o corpo é uma materialidade, ou seja, compõe a cena junto com os demais elementos presentes no ato teatral. O corpo, nesta perspectiva, não é um veículo para afetar ou provocar uma reação na plateia, e sim, “[...] se constitui para além de uma análise dos códigos, mas pra sua qualidade de produzir sinais que podem ser percebidos num “corpo a corpo” entre espectador e ator. Sinais que podem ser sentidos pelo espectador que escapam da ordem do representável e que seriam apreendidos pela sua expressão” (SANTOS, 2010, p. 42).

Referências

- BALTAZAR, Maria Cristina. **Corpo que age, sente e pensa: Dramaturgias do meu corpo e do encontro de duração.** Paralelo com a filosofia de Henri Bergson. Tese (Doutorado em Artes). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- BOAL, Augusto. **Hamlet e o filho do padeiro.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- DELEUZE, Gilles; GUATARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2,** 2. ed. Tradução: Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012. v. 4.
- GALLO, Sílvio. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. *In: Anais do II Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos.* Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2008.
- PEREIRA, Marcelo de A.; ICLE, Gilberto; LULKIN, Sérgio Andrés. Pedagogia da *Performance*: da presença, do humor e do riso na prática pedagógica. **Revista Contrapontos,** v. 12, n. 03, p. 335-340, set./dez. 2012.





SANTOS, A. C. **O ator na cena contemporânea: corpo, imagem e ação.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Artes). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Erton Kleiton C. dos. BARROS, Ana Maria. Educação e cultura: O papel da arte-educação na formação de protagonismos na juventude pernambucana. **Net.** Revista Eletrônica da Faculdade de Direito de Caruaru, Caruaru, 2010. Disponível em: <www.ufpe.br/ppgdh/images/documentos/anamb5.pdf>. Acesso em: 08 maio 2017.

ZACHARIAS, Pamela. **(Des) encontros em um lugar qualquer.** Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Campinas, Faculdade de Educação. Campinas, SP. 2017.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

